

## Texto 4

### Contextualização prévia

Mas e então? Devo desconfiar dos meus sentidos e me guiar apenas pela razão, por meio da dúvida metódica, como sugere Descartes; ou devo evitar as falácias racionalistas e admitir que só posso ter algum conhecimento do mundo por meio dos meus sentidos?

Para superar a dicotomia entre racionalismo e empirismo, Immanuel Kant propõe que ambas as abordagens são complementares: sem o conteúdo da experiência, obtidos pela intuição, os pensamentos são vazios (racionalismo); por outro lado, sem os conceitos, eles não têm nenhum sentido para nós (empirismo). Nos seus termos: “Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas.” (KANT, 2005 [1781], p. 61).

Mais importante ainda é o fato de que Kant alertou para as limitações do nosso conhecimento, mostrando que não podemos conhecer as coisas de fato, senão as expressões do fenômeno em que ela se materializa: sensações dos objetos do mundo, como cor, cheiro, calor, textura etc. Isto é, conhecemos aquilo que a nossa mente (ou a nossa estrutura cognitiva) nos permite conhecer. Isso é muito importante, pois em última instância exige uma postura de humildade por parte do cientista: eu só posso conhecer aquilo que as minhas capacidades me permitem conhecer, e isso é só uma pequena parcela do mundo real.

### Criticismo - fragmentos de Immanuel Kant

#### Introdução à lógica transcendental (1781)

Nosso conhecimento surge de duas fontes principais da mente, cuja primeira é receber as representações (a receptividade das impressões) e a segunda a faculdade de conhecer um objeto por estas representações (espontaneidade dos conceitos); pela primeira um objeto nos é *dado*, pela segunda é *pensado* em relação com essa representação (como simples determinação da mente). Intuições e conceitos constituem, pois, os elementos de todo o nosso conhecimento, de tal modo que nem conceitos sem uma intuição de certa maneira correspondente a eles nem intuição sem conceitos podem fornecer um conhecimento. Ambos são puros ou empíricos. Empíricos se contêm sensação (que supõe a presença real do objeto); puros, porém, se à representação não se mescla nenhuma sensação. A última pode ser denominada matéria do conhecimento sensível. Portanto, a intuição pura contém unicamente a forma sob a qual algo é intuído, e o conceito puro unicamente a forma do pensamento de um objeto em geral. Somente intuições ou conceitos puros são possíveis *a priori*, intuições ou conceitos empíricos só *a posteriori*.

Denominamos *sensibilidade a receptividade* de nossa mente para receber representações na medida em que é afetada de algum modo; em contrapartida, denominamos entendimento ou espontaneidade do conhecimento a faculdade do próprio entendimento de produzir representações. A nossa natureza é constituída de um modo tal que a intuição não pode ser senão *sensível*, isto é, contém somente o modo como somos afetados por objetos. Frente a isso, o *entendimento* é a faculdade de *pensar* o objeto da intuição sensível. Nenhuma dessas atividades deve ser preferida à outra. Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdos são vazios, intuições sem conceitos são cegas. Portanto, tanto é necessário tornar os conceitos sensíveis (isto é, acrescentar-lhes o objeto na intuição) quanto tornar as suas intuições compreensíveis (isto é, pô-las sob conceitos). Estas duas faculdades ou capacidades também não podem trocar suas funções. O entendimento nada pode intuir e os sentidos nada pensar. O conhecimento só pode surgir da sua reunião.

### **Do fundamento da distinção de todos os objetos em geral em *phaenomena* e *noumena* (1781)**

Se elimino de um conhecimento empírico todo o pensamento (mediante categorias), não resta simplesmente nenhum conhecimento de qualquer objeto, pois mediante a mera intuição não é pensado absolutamente nada, e o fato de esta modificação da sensibilidade estar em mim não constitui nenhuma relação de uma representação de tal espécie com qualquer objeto. Se, ao contrário, deixo de lado toda a intuição, permanece ainda apesar disso a forma do pensamento, isto é, o modo de determinar um objeto para o múltiplo de uma intuição possível. Por isso as categorias de certa maneira estendem-se mais além da intuição sensível, porque pensam objetos em geral, sem considerar ainda o modo particular (da sensibilidade) em que estes possam ser dados. Todavia, elas não determinam com isso uma esfera maior de objetos, pois não se pode admitir que tais objetos possam ser dados, sem pressupor a possibilidade de um outro modo de intuição além do sensível, para o que não somos de maneira alguma autorizados.

Denomino problemático um conceito que não contenha nenhuma contradição e que além disso – como limitação de conceitos dados – ligue-se a outros conhecimentos, cuja realidade objetiva, porém, não possa de modo algum ser conhecida. O conceito de um *noumenon*, isto é, de uma coisa que não pode absolutamente ser pensada como objeto dos sentidos, mas como coisa em si mesma (unicamente por um entendimento puro), não é, de modo algum, contraditório, pois não se pode afirmar que a sensibilidade seja o único modo possível de intuição. Tal conceito é, além disso, necessário para não estender a intuição sensível até as coisas em si mesmas e, portanto, para restringir a validade objetiva do conhecimento sensível (pois as demais coisas, que a

intuição sensível não alcança, são denominadas *noumena*, para com isso indicar que aqueles conhecimentos não podem estender a sua região a tudo o que o entendimento pensa). Em conclusão, porém, não se pode absolutamente entrever a possibilidade de tais *noumena*, e o âmbito além da esfera dos fenômenos é (para nós) vazio, isto é, nós possuímos um entendimento que se estende problematicamente para além daquela esfera, mas não possuímos nenhuma intuição, antes, nem sequer o conceito de uma tal intuição, pela qual nos sejam dados objetos fora do campo da sensibilidade e o entendimento possa ser utilizado *assertoricamente* para além dessa. Portanto, o conceito de um *noumenon* simplesmente um conceito limite para restringir a pretensão da sensibilidade, sendo, portanto, de uso meramente negativo. Tal conceito não é, entretanto, inventado arbitrariamente, mas se conecta com a restrição da sensibilidade, sem, contudo, colocar algo positivo fora do âmbito dela.

## Referências

KANT, Immanuel. Introdução à lógica transcendental. In: FIGUEIREDO, Vinicius Berlendis de. **Kant & a Crítica da razão pura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 [1781].

\_\_\_\_\_. Do fundamento da distinção de todos os objetos em geral em *phaenomena* e *noumena*. In: FIGUEIREDO, Vinicius Berlendis de. **Kant & a Crítica da razão pura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 [1781].